

Enfermeiras piauienses que contribuíram para a enfermagem brasileira: história e memória de experiências profissionais

Nurses from Piauí, who contributed to the Brazilian nursing: history and memory of professional experiences

Anneth Cardoso Basílio¹; Maria do Amparo Borges Ferro²

¹ Doutora em Educação –USP; Professora do Programa de Pós Graduação em Educação – UFPI

² Mestre em Educação – UFPI. Especialista em Administração Hospitalar e Saúde Pública. Enfermeira

RESUMO

Trata-se de um estudo de natureza histórica que tem como propositura o restabelecimento e a preservação da história e da memória do ensino de enfermagem no Piauí. Utilizaram-se como fontes de investigação documentos escritos e depoimentos. A elucidação e a interpretação de fatos históricos iluminam e propiciam o entendimento de lacunas e pontos obscuros que são evidenciados ao longo do tempo, possibilitando processos reflexivos acerca da história, da memória e do ensino da enfermagem piauiense. A busca da reconstituição e da preservação da história e memória do ensino de enfermagem no Piauí é determinante e fundamental para a descoberta e a análise de informações acerca da evolução e do desenvolvimento desse ensino. No decorrer da pesquisa, as fotografias foram essenciais como instrumentos da memória, pois de certa forma capturam a imagem daquele instante que atualmente é passado, mas desencadeia em quem as visualiza memórias até então esquecidas, contribuindo para a reconstituição de fatos e acontecimentos importantes. A identificação e a análise da contribuição de enfermeiras piauienses pioneiras na evolução do processo de ensino e aprendizagem tornam-se primordiais nos âmbitos histórico e profissional do ensino de enfermagem no Estado do Piauí.

Palavras-chave: Educação. História. Enfermagem.

ABSTRACT

This is a study of historical nature which has as proposition the reestablishment and the preservation of the history and memory of the Teaching of Nursing in Piauí. We utilized as sources of research, written documents and testimonies. Elucidation and interpretation of historical facts illuminate and afford an opportunity for the understanding of gaps and obscure points which are evidenced over time enabling reflexive processes about the history and memory of the teaching of nursing in Piauí. The search for reconstitution and preservation of the history and memory of the teaching of Nursing in Piauí is determining and fundamental for the discovery and analysis of information about the evolution and development of this teaching. In the course of the research, photographs were essential as instruments of memory, for, in a way, they capture the image of this instant which currently is past, but which triggers, in those who see it, memories until then forgotten, elucidating and contributing to the reconstitution of facts and important happenings. The identification and analysis of the contribution of nurses from Piauí, pioneers in the evolution of the teaching and learning process, become primordial in the historical and professional scope of the teaching of nursing in Piauí.

Keywords: Education. History. Nursing.

INTRODUÇÃO

O conhecimento histórico da enfermagem, além de elucidar e esclarecer o caráter evolutivo fornece o significado para a sua cultura. A História não acontece apenas quando são observadas grandes experiências que trazem consequências para o crescimento e aperfeiçoamento ou involução da humanidade, mas também quando perpassa as realidades daqueles que construíram, edificaram, perderam, lutaram e que estiveram antes ou permanecem entre nós, silenciando ou versando a importância dos fatos. Na realidade, para que História?

A construção de uma ciência (das) sociedades (humanas) que seja ao mesmo tempo coerente, graças a um esquema teórico sólido, e comum, total, capaz de não deixar fora de sua jurisdição qualquer campo de análise útil, dinâmica, pois na medida em que nenhuma estabilidade é eterna, nada mais útil de descobrir que o princípio das mudanças. (WARDE, 1988, p. 147-148)

Trata-se de um estudo de natureza histórica que tem como propositura o restabelecimento e a preservação da história e da memória do ensino de

enfermagem no Piauí. Utilizaram-se como fontes de investigação documentos escritos e depoimentos. A elucidação e a interpretação de fatos históricos iluminam e propiciam o entendimento de lacunas e pontos obscuros que são evidenciados ao longo do tempo, possibilitando processos reflexivos acerca da história, da memória e do ensino da enfermagem piauiense.

A busca da reconstituição e da preservação da história e memória do ensino de enfermagem no Piauí é determinante e fundamental para a descoberta e a análise de informações acerca da evolução e do desenvolvimento desse ensino.

No decorrer da pesquisa, as fotografias foram essenciais como instrumentos da memória, pois de certa forma capturam a imagem daquele instante que atualmente é passado, mas desencadeia em quem as visualiza memórias até então esquecidas, contribuindo para a reconstituição de fatos e acontecimentos importantes. A identificação e análise da contribuição de enfermeiras piauienses pioneiras na evolução do processo de ensino e aprendizagem tornam-se primordiais nos âmbitos histórico e profissional do ensino de enfermagem no Estado do Piauí.

Torna-se fundamental mostrar quão importante foi a contribuição dos precursores dessa história, assim como a descrição de sua contribuição para o ensino de enfermagem, quais os direcionamentos e as condições de desenvolvimento deste ensino, além de fomentar reflexões para a observação criteriosa dos fatos que ocorreram no passado.

METODOLOGIA

Trata-se, portanto, de um estudo de natureza histórica, fundamentado na nova história cultural, mediante a utilização de estudos das obras de Geovaninni (1996), Bom Meihy (1996), Burke (2000), Cortez (2000), Halbwachs (1990) e Le Goff (2003), entre outros, utilizando-se a metodologia da análise documental e com ênfase nos estudos de gênero.

A pesquisa teve natureza histórico-documental, haja vista a possibilidade de sua realização com base em análises de documentos históricos, tais como: registros, atas, anais, regulamentos, circulares, ofícios, memorandos, comunicações informais, filmes, microfilmes, fotografias, cartas pessoais. Como fontes primárias

de investigação, analisaram-se documentos escritos e iconográficos (jornais, atas, ofícios, leis, normas, pareceres, fotografias) e orais por meio de depoimentos. Como fontes secundárias, utilizaram-se artigos, dissertações, teses e livros que abordam a história da enfermagem.

Os entrevistados, quando ensejam a construção de suas histórias de vida, o fazem com liberdade e, às vezes, não se prendem à organização cronológica. Na verdade, quando recorremos à história oral, não significa a ruptura com o uso de fontes documentais.

Quando há o relato do passado, não podemos esquecer que há a transmissão de emoções, experiências, sentimentos que foram vivenciados e se tornaram, naquele momento, o mais importante elo entre o passado e o futuro, devendo ser partilhados para que não culminem no esquecimento.

HISTÓRIA E MEMÓRIA DE VIDAS QUE DIRECIONARAM AS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

A escolha pela profissão

O ensino de enfermagem no Brasil, apesar de ter sido institucionalizado devido à influência sanitária, apenas tem a sua consolidação após a modernização e a industrialização. Na década de 1930, a questão da saúde ganha novos aspectos dimensionais quando passa a ser uma das atribuições do Estado sustentadas nas evidências da necessária força de trabalho qualificado na área de saúde. Com a industrialização, inúmeras transformações foram necessárias, inclusive nas áreas profissionais. O Estado realiza a propositura de aumentar o número de escolas, fato que tornou obrigatória, por meio da Lei nº 775, de 6 de agosto de 1949, a existência do ensino de enfermagem voltado para a área hospitalar, em toda universidade ou sedes de faculdades de Medicina.¹ Tal lei exigia que as candidatas tivessem o curso secundário, mas essas exigências não foram atendidas, pois havia a possibilidade de que algumas alunas não pudessem realizar o curso de Enfermagem devido ao

¹ Fonte retirada do livro *A trajetória dos cursos de graduação na saúde (1991-2004)*. Brasília: Inep, 2006. Ministério da Educação e da Saúde.

reduzido número de alunas na época que tinham o curso secundário. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024, de 1961, estabeleceu como exigência para qualquer carreira de nível superior o curso secundário.²

No Estado do Piauí, na década de 1940, algumas moças manifestaram o desejo de dedicar-se ao cuidar e esse desejo era observado desde a infância, era um dom que surgia e que era aperfeiçoado ao longo do tempo, demonstrando o aspecto vocacional, como visualizamos no depoimento a seguir:

Quando pequena eu queria ser médica e estudar em Belo Horizonte, mas quando eu estudava no Colégio das Irmãs³, eu passava por aquela área que hoje é o CCS (Centro de Ciências da Saúde), antiga LBA (Instituição de caráter assistencial) e visualizava algo que fez com que eu seguisse a profissão de Enfermagem. As mães que não tinham aonde deixar os seus filhos e então, deixavam lá... E eu via o zelo, a dedicação, o cuidado que os atendentes tinham com as crianças... E eu pensei, eu não quero mais ser médica, eu quero ser é Enfermeira... (Eu sou Enfermeira por vocação).⁴

Muitas pessoas observavam a doação e a dedicação com os cuidados aos doentes e mais carentes e tinham uma afinidade com aquela realização funcional. Havia o despertar de algo que as direcionava, ainda que inconscientemente, aos primeiros passos para o caminho da profissão. Nessa época existiam os cuidados assistenciais de enfermagem prestados pelas irmãs de caridade, realizados no Pavilhão de Tuberculosos, onde atualmente funciona o Hospital Infantil Lucídio Portela, como evidencia o depoimento que segue:

Quando eu cresci um pouco, fiquei encantada com o trabalho da Irmã Teresa do Pavilhão de tuberculosos, aonde hoje é o Hospital Infantil Lucídio Portela. O afincamento ao cuidar daquelas pessoas, em encontrar meios para a desenvoltura de trabalhos inseridos no ambiente do hospital como arte, pinturas, inclusive, até dramatizações. Lembro-me de uma ocasião em que conseguimos o auditório do Colégio das Irmãs (as irmãs cederam o espaço e o evento realizou-se no turno da noite) para realizarmos um espetáculo, vendemos ingressos e angariamos um bom dinheiro para ajudar no pavilhão e aos doentes carentes.⁵

² Fonte extraída do livro *Os primórdios do ensino da enfermagem moderna no Piauí: lutas e conquistas na Universidade (1973-1977)*. NUNES, 2004, p. 16.

³ Colégio Sagrado Coração de Jesus, fundado em 1906, com a perspectiva de contrapor o ensino católico com o ensino leigo, provavelmente foi criado como um espaço para a absorção do alunado feminino oriundo das camadas abastadas de Teresina ou do interior do Estado. (QUEIROZ, 2008, p. 67)

⁴ Maria dos Aflitos Miranda. Depoimento concedido em junho de 2008.

⁵ Maria dos Aflitos Miranda. Depoimento concedido em junho de 2008

Tanto as Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, que prestavam assistência aos doentes nos hospitais, como aquelas que estavam envolvidas com o ensino eram imbuídas e permaneciam unidas no intuito de colaborar com a minimização do sofrimento de pessoas carentes e que precisavam de auxílio por ocasião de suas doenças.

No prédio que hoje funciona o HILP⁶, embaixo, ficavam as enfermarias dos portadores de tuberculose, eram grandes, o local era bem ventilado. A Irmã de Caridade que ficava lá, era a irmã Teresa. Não morava no Pavilhão. Ela dormia e fazia as refeições na própria comunidade. Depois eu fui falar com a Irmã Teresa, falei do meu interesse e ela me deu os endereços das Escolas de Enfermagem, forneceu-me os locais aonde tinham as Irmãs de Caridade, naquela época as Escolas, mesmo sendo das Universidades Federais, eram dirigidas pelas Irmãs. A Escola Carlos Chagas, em Belo Horizonte, aonde eu estudei, Nossa Senhora das Graças, em Pernambuco, no Recife, e São Vicente em Fortaleza, Ceará.⁷

A Escola de Enfermagem Carlos Chagas foi inaugurada em julho de 1933. A organização e a direção dessa escola foram realizadas pela enfermeira Laís Netto dos Reys.⁸ Foi a primeira escola a diplomar religiosas no Brasil. A História, entretanto, obteve grande avanço com a busca em se promover o registro e o exame social de realidades anteriores, significativas para o crescimento profissional, assim como com a preocupação de promover reflexões sobre histórias locais a fim de elucidá-las. A importância do trabalho e a sua união com a memória enaltecem as experiências de vida e enfatizam o aperfeiçoamento da formação:

O trabalho de rememoração que reúne as recordações à escala de uma vida apresenta-se como uma tentativa de articular-se às experiências contadas (...) e é feito sob o percurso de formação ao longo da vida e de sua dinâmica, evidenciando as práticas formativas inerentes a um itinerário escolar, profissional e a outras aprendizagens organizadas, incluindo aí as experiências de vida que deixaram a sua marca formadora. (JOSSO, 2004, p. 45)

⁶ Na sede que atualmente funciona o Hospital Infantil Lucídio Portela funcionou o Pavilhão de Tuberculosos. Nesse pavilhão as irmãs de caridade também administravam os serviços de enfermagem.

⁷ Maria dos Aflitos Miranda. Depoimento concedido em junho de 2008.

⁸ Enfermeira formada pela Escola de Enfermagem Anna Nery em julho de 1925.

O curso de Enfermagem realizado pela enfermeira piauiense Maria dos Aflitos Miranda na Escola Carlos Chagas em Belo Horizonte teve início em 1956 e finalizou em 1958, com a sua formatura. Em grade curricular disponibilizada pela referida enfermeira, observamos a duração do curso, a carga horária e as disciplinas cursadas.⁹ Tais aspectos são visualizados em depoimento que aduz a razão de seu estímulo e escolha pela profissão de enfermagem:

O currículo do Curso de Enfermagem tinha a duração de dois anos e quatro meses, com divisão em cinco fases, a última reservada para a Especialização, havia a exigência da Escola Normal como requisito para a realização do curso, assim como a obrigatoriedade na prestação de oito horas diárias de serviço ao hospital, com direito à residência mensal e duas meias folgas semanais.¹⁰

Em 1968, mediante a Reforma Universitária, houve a necessidade de se reverem os currículos mínimos dos cursos, ocorrendo uma modernização do ensino superior. Isso foi formalizado pelo Parecer nº 163/1972 e pela Resolução 4/1972 do Conselho Federal de Educação¹¹. Tais aspectos são visualizados em depoimento que aduz a razão de estímulo e escolha pela profissão de enfermagem:

A escolha pela profissão foi feita no final dos anos sessenta. Naquela ocasião eu estava terminando o curso normal. O curso normal era dirigido à formação de professores primários e os preparava com alguns conhecimentos na área de biologia, ciências naturais, e de fato, quando eu pensei em me definir, a Escola na qual eu estudava nos levou à Escola Paulista, e foi quando eu conheci o curso de Enfermagem e fiquei, realmente, encantada. Naquela época existiam ainda incentivos governamentais para a manutenção de moças cursando Enfermagem, todas as grandes Escolas de Enfermagem tinham residência. Assim era a USP, a Escola Paulista de Enfermagem, Escola Carlos Chagas, e eu fiquei encantada com a possibilidade de fazer o curso e aprender a cuidar. Por outro lado, hoje com um olhar mais crítico, teria que ser aquilo, porque a minha formação inicial era a de professora primária e o vestibular era

⁹ No histórico são visualizadas as disciplinas de Técnica de Enfermagem, Higiene Individual, Anatomia, Fisiologia, Microbiologia, Parasitologia, Patologia, História da Enfermagem, Clínica Médica e Cirúrgica, Farmacologia e Terapêutica, Tisiologia, Clínica Ortopédica, Fisioterapia e Massagens, Enfermagem de Psiquiatria, Clínica Urológica e Ginecológica, Socorros de Urgências, Sociologia e Ética, Enfermagem Oftalmológica e Obstétrica, Puericultura, Saúde Pública, entre outras, perfazendo um total de quase cinquenta disciplinas.

¹⁰ Maria dos Aflitos Miranda. Depoimento concedido à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio em junho de 2008.

¹¹ Fonte extraída do livro *A trajetória dos cursos de graduação na saúde (1991-2004)*.

extremamente concorrido e se fosse para outra área eu teria que fazer cursinho.¹²

O ensino de enfermagem, com as determinações da Reforma Universitária, direcionou-se à formação de um maior número de enfermeiros, devido à necessidade do mercado profissional. Foi por isso que se instituiu essa reforma curricular que estava mais direcionada ao modelo biologicista, individualista e hospitalocêntrico (TEIXEIRA, 2006, p. 144). A especialização estava inserida no curso de graduação em algumas universidades e isso possibilitava que o profissional de saúde finalizasse o curso portando uma especialização.

O empenho das universidades tinha o objetivo de possibilitar o ensino e chamar a atenção de alunas para a área da enfermagem. Os profissionais enfermeiros eram insuficientes para a demanda, e a busca por profissionais qualificados que pudessem assumir de forma criteriosa a realização de procedimentos assistenciais fez-se necessária. Tais oportunidades foram bem aceitas, pois muitas estudantes viam esse acesso como uma forma disponibilizada para o crescimento pessoal e profissional.

Como o curso de Enfermagem na UFPI só seria instituído em 1973¹³, as alunas que tinham tal tendência ao cuidar e à assistência buscavam esses conhecimentos fora do Estado.

Muitas enfermeiras piauienses trabalharam em hospitais fora do estado, residindo no próprio hospital. Realizavam capacitações e treinamentos, caracterizando a importância da assistência e repassando os ensinamentos aos auxiliares de enfermagem que eram pouquíssimos na década de 1960. Pela impossibilidade de realizar o curso de Enfermagem no Estado do Piauí, algumas moças decidiam estudar fora do estado, como descrito no relato a seguir:

No período de 1966 e 1967, após conclusão do ensino médio, eu queria muito cursar Enfermagem, mas não havia possibilidade, pois o mesmo ainda não existia no Estado do Piauí. Em 1968, decidi ir fazer vestibular em São Luís, no Maranhão, aonde fui aprovada para o curso de Enfermagem.

¹² Lidya Tolstenko Nogueira. Depoimento concedido em junho de 2008.

¹³ Diferente das Escolas de Enfermagem fundadas em outros estados antes e durante a década de 1960, o curso de Enfermagem iniciou o seu funcionamento apenas em 1973, subordinado a um Departamento Médico.

Desde cedo, sempre estive envolvida com esse maravilhoso processo do cuidar... Então, o curso foi realizado no período de 1968 a 1971 e, posteriormente, comecei a trabalhar em Caxias, no Maranhão, prestando a Assistência de Enfermagem com dedicação, inclusive, residindo no próprio hospital... Lembro-me que trabalhávamos tempo integral e não tínhamos tempo para nada, sempre éramos chamadas para a realização de procedimentos específicos e aprendíamos muito. Realizávamos inúmeros treinamentos com as parteiras da região a fim de aperfeiçoá-las profissionalmente, assim também como ministrávamos cursos para os auxiliares de Enfermagem que eram poucos. Para, nós, enfermeiros, quase não havia cursos de aperfeiçoamento, mas participávamos ativamente dos congressos. Na época de acadêmica sempre fui envolvida com as atividades de enfermagem, com dinamicidade, buscando aprimorar os meus conhecimentos, e este envolvimento, inclusive, levou-me a ser Presidente do Diretório de Enfermagem.¹⁴

O envolvimento com a enfermagem e o seu caráter interdisciplinar contribuiu para que essas profissionais descobrissem um mundo diversificado, com diferentes culturas, saberes e linguagens determinadas pela busca contínua do conhecimento, direcionando-as em viagem imensurável ao saber.

Esta busca de conhecimentos propicia trocas de experiências enriquecedoras e inesquecíveis. O ensinar e o aprender estão interligados e têm base na ciência que une os laços culturais, intercala de hermenêutica os eleitos linguísticos em cada cultura e permeia o aperfeiçoamento do ser em crescimento.

A enfermagem e a sua busca pelo conteúdo criterioso de uma assistência qualificada e direcionada ao paciente são observadas em relatos de experiências profissionais, evidenciando a preocupação dos profissionais na época em se manterem atualizados e abertos às transformações que o ensino pudesse propiciar. Tais aspectos são demonstrados em depoimento de enfermeira piauiense que cursou Enfermagem na Escola Carlos Chagas, iniciando em 1956 e finalizando em 1958.

Iniciei o curso de Enfermagem pela Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em 1956 e finalizei em 14 de dezembro de 1958, vou fazer 50 anos de formada. Uma dedicação ao cuidar e à própria categoria. Ao chegar à Escola, fiquei muito empolgada quando vi a dedicação dos professores, realmente muito bons, dedicados, competentes, tinha uma parte das disciplinas, como Anatomia, Fisiologia, que era lecionada pelo profissional de Medicina. A enfermagem ministrava os cuidados e procedimentos de enfermagem naquela clínica específica. Mas algo me chamou a atenção, uma irmã que realizava umas escalas de serviços, nas quais ela colocava algumas atividades que não eram atividades do enfermeiro, então eu dizia: eu não saí do Piauí para isto. Foi quando mudou a direção da Escola,

¹⁴ Inez Sampaio Nery. Depoimento concedido em maio de 2008.

e a Irmã que nos foi direcionada foi uma pessoa muito determinada, com conhecimentos bastante amplos, havia feito cursos nos Estados Unidos, enfim, muito preparada...¹⁵

A luta pelos direcionamentos da profissão já estava presente à época, os cuidados assistenciais da profissão eram vislumbrados e as alunas sabiam diferenciar, apesar da ausência de gerenciamentos adequados, os seus aspectos funcionais e a caracterização da profissão de enfermagem.

A irmã que chegou, dinâmica, diferente, centrada, conhecedora dos aspectos assistenciais fez uma reunião com todos os alunos para identificar as dificuldades, pois já existiam alunos muito decepcionados e eu era uma... Houve um período em que eu fui fazer um estágio, aonde a chefe da Clínica era uma auxiliar de enfermagem, porque era irmã... Não existiam enfermeiras disponíveis e elas (irmãs) achavam que isto era possível e que não haveria problemas (...) e eu ficava me questionando. Na época eu tinha 16 anos. Esta outra Irmã, ao chegar, após uma reunião com o reitor da Universidade, fez diversas colocações pertinentes a esta problemática e exigiu que fossem colocadas enfermeiras nas chefias das clínicas. A irmã suspendeu o estágio aonde não havia enfermeiros até que fossem tomadas as devidas providências. Ela era disciplinada e rigorosa.¹⁶

Como o educar antes está na alma e a transcende como dom, pode-se, em analogia, compará-lo à natureza. Fértil, profundo, surpreendente, transformando-se a cada dia em algo novo e capaz de renovar sementes para um novo mundo.

A enfermagem teve grandes expoentes que a elevaram no decorrer do tempo, incentivando-a a crescer em sua verdadeira essência e conteúdo, assim como uma preocupação com a preparação e o aperfeiçoamento do profissional e o rigor de sua postura. Vislumbramos esses detalhes quando observamos a carga horária de alguns cursos de Enfermagem e o depoimento de algumas alunas da época.

O estágio era realizado desde o primeiro ano, a nossa carga horária perfazia quase cinco mil horas. Nós tínhamos oito horas (8 h) de atividades diárias, em três anos, com férias em julho e no final do ano. Pela manhã, os estágios e à tarde, as aulas. Os três primeiros meses eram apenas teóricos. Nós ficávamos em regime de internato, e era um atrativo na época para conseguir um recrutamento para aumentar o número de

¹⁵ Maria dos Aflitos Miranda. Depoimento concedido em junho de 2008.

¹⁶ Maria dos Aflitos Miranda. Depoimento concedido em junho de 2008.

enfermeiros no Brasil. O número era insuficiente. O vestir era impecável. Havia uma touca que era uma miniatura do chapéu das irmãs.¹⁷

A enfermagem teve um sustentáculo importante, ávida por uma estrutura adequada de sistematização. Não se pode esquecer que as primeiras “damas da lâmpada”, como cita Oguisso (2005, p. 65), foram visitantes em domicílio, padronizando o primeiro grupo organizado a visitar enfermos e prestar-lhes assistência.

Entre os símbolos que foram adotados para a representação da enfermagem, encontra-se a lâmpada, com a chama acesa em seu centro, representando a vigília, a assistência, a essência e necessária importância da visibilidade nos detalhes dos procedimentos. O símbolo da lâmpada¹⁸ foi uma homenagem a Nightingale, que realizava supervisões noturnas, utilizando-a, caracterizando a importância do cuidado e da assistência criteriosa aos doentes. A lâmpada que se tornou o símbolo da enfermagem tem o formato daquela da história de Aladim, mas a verdadeira lâmpada que foi utilizada por Florence tinha uma forma diferente e sua réplica encontra-se em um museu localizado em Londres.

Importante enfatizar que esse símbolo tornou-se parte histórica da profissão, pois nas formaturas antigas do curso de Enfermagem eram realizadas solenidades com a dama da lâmpada, que era uma das alunas escolhidas da turma para entregar o símbolo à outra turma que iria formar-se ou realizar a oratória.

A importância da história nos faz perceber a essência dos documentos que a permeiam; assim, enfatizamos tal conteúdo em um diploma de 1958 da Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Essa instituição era anexa à Escola de Medicina da Universidade de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

A solenidade de formatura em Enfermagem pela Escola Carlos Chagas da enfermeira piauiense Maria dos Aflitos do Vale Miranda ocorreu na cidade de Belo Horizonte, em dezembro de 1958. A diretora Irmã Emília Clarízia estava presente,

¹⁷ Maria dos Aflitos Miranda. Depoimento concedido em junho de 2008.

¹⁸ O Conselho Federal de Enfermagem, em reunião ordinária em 28 de abril de 1999, decide aprovar o regulamento anexo que decide sobre juramento a ser proferido nas solenidades de formatura, bem como a pedra, a cor, o brasão e a marca que representam a enfermagem. As simbologias aplicadas à enfermagem são diferentes para o curso superior e os cursos de nível médio. Para o nível superior, a representação é a lâmpada com a cobra e a cruz, com referências à ciência; o nível médio é caracterizado pela lâmpada e a seringa, enfatizando a técnica, a cura, a saúde.

assim como o reitor da Universidade, o Dr. Pedro Paulo Penido¹⁹. Durante a solenidade de formatura, houve algo que marcou para sempre a vida da enfermeira, um evento inesquecível, a entrega da lâmpada como a continuidade da assistência de enfermagem. A lâmpada era entregue como símbolo a uma das alunas da turma que estava iniciando.

Durante a minha formatura, com apenas 19 anos, eu já sentia o peso da responsabilidade. Eu visualizei tudo passar tão rápido, tão de repente, e lá estava eu, enfermeira, recebendo o diploma de Enfermagem das mãos de um renomado e querido professor de Obstetrícia, que à época muito nos estimulou. Observei aquele lindo ritual da entrega da lâmpada, o nosso símbolo, e pensei: não deixarei esta chama apagar...²⁰

A responsabilidade inserida na profissão caracterizava a ética e a prudência repassadas de forma criteriosa às alunas durante o curso de Enfermagem. Uma aluna era escolhida para a realização do ritual da entrega da lâmpada para a turma seguinte, simbologia esta que foi mantida durante muitos anos nas escolas de enfermagem em todo o país. Esse ritual também utilizado na primeira escola de enfermagem de nível médio do Estado do Piauí, a Escola de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot, criada e organizada pelas irmãs de caridade, dirigida inicialmente pela Irmã Abrahide Alvarenga, irmã superiora e enfermeira formada pela Escola Anna Nery, para qualificar os atendentes de enfermagem que atuavam na profissão em alguns hospitais da capital, mas que precisavam de um aperfeiçoamento de suas técnicas procedimentais.²¹

A turma de enfermeiras que se formou em 1958 pela Escola Carlos Chagas em Belo Horizonte denota o caráter feminino da profissão à época e o rigor da solenidade, como é visualizado em fotografia disponibilizada pela enfermeira Miranda. A possibilidade de olhar além do presente através desta fonte caracteriza a importância do passado e dos detalhes essenciais que podem ser vislumbrados.

¹⁹ Informações disponibilizadas no diploma do curso de Enfermagem da enfermeira Miranda.

²⁰ Maria dos Aflitos Miranda. Depoimento concedido em junho de 2008.

²¹ As escolas de enfermagem em todo o país realizavam este ritual como forma simbólica nas colações de grau.

Figura 1: Formatura de Enfermagem na Escola de Enfermagem Carlos Chagas em 1958.



Fonte: Arquivo particular da enfermeira Miranda.

O dom, as fortes raízes e a essência vocacional direcionavam o ser humano ao profissionalismo. Tal ritual era frequente nas escolas de enfermagem da época, simbolizando a continuidade da assistência que a profissão de enfermagem estava apta a realizar. As alunas que finalizavam o curso entregavam a lâmpada como símbolo à turma que iniciava. Enquanto isso, várias pessoas sentiram-se estimuladas a se inserirem nessa profissão, que aos poucos se direcionava, com afinco, a diretrizes cada vez mais qualificadas.

Muitas enfermeiras piauienses terminaram o seu curso em outro estado, pois o ensino superior em Enfermagem no Piauí somente seria instituído na década de 1970. Alguns dons eram voltados para a área da medicina, mas, ao dar início ao curso de Enfermagem, com a observância nos procedimentos específicos da profissão, o contato com o paciente, o desenvolvimento das disciplinas e a relação com o cuidar, a aluna encontrava uma aptidão maior em cursar Enfermagem, como é abordado em depoimento seguinte:

Eu iniciei o curso de Enfermagem em 1966, no Piauí ainda não havia o curso (apenas iniciando em 1973), eu cursei Enfermagem na Universidade Federal Fluminense, fiz empolgada por causa de uma colega minha, que já estava cursando e isto me estimulou, eu queria inicialmente cursar

Medicina, mas fiz o vestibular para Enfermagem e fiquei encantada logo de início com o curso, gostei imensamente da estrutura do curso, dos professores... Iniciei as atividades e procedimentos no Hospital Universitário Antonio Pedro, pois o curso funcionava inserido na rede hospitalar e isto me oportunizou várias experiências, as quais me fizeram conhecer um pouco da Enfermagem e assim descobri que era o que eu realmente queria, ser Enfermeira. Foi um período muito enriquecedor, tanto profissionalmente como pessoal, pois os estudantes tinham muito valor, existiam muitos movimentos estudantis, nos quais eu me inseri, fui presidente do C.A. de Enfermagem e participei das conquistas da época.²²

Algumas enfermeiras piauienses foram exponenciais, não somente para o estado, mas deixaram a dinâmica e a realização de seus trabalhos e a sua história pelo país. Isso é evidenciado no depoimento a seguir, que demonstra a luta pela inserção na profissão na qual se acreditava. Muitas profissionais cresceram pela força de vontade, pelos conhecimentos adquiridos, pela força, pela determinação e pela coragem.

Na minha história de vida, por ser a primeira deficiente a cursar Enfermagem, então, os professores achavam que eu não tinha condições de exercer a profissão e fizeram tudo para que eu fosse reprovada em Fundamentos de Enfermagem. Pediam para que eu transportasse as macas com os pacientes, buscasse balas de oxigênio. Enfim, dificultavam ao máximo o meu trabalho, mas eu não desisti. Era o que eu realmente queria. Terminei o curso com muito respeito das colegas. Então, uma paciente com distúrbios mentais na época pediu que eu realizasse o curativo dela pois as minhas mãos, para ela, eram as únicas mãos que não a faziam sentir dor. Os professores reconheceram o meu dom, o meu trabalho.²³

A importância da essência profissional fortalece os fatos quando estes precisam acontecer. As histórias detêm uma fortaleza, estimulam as lutas, delineiam traços de vida e direcionam, através do tempo, as experiências. Muitas profissionais competentes do Estado do Piauí fizeram a sua história em outros lugares, iluminaram outros espaços, aguerridas, determinadas, fortes. Outras retornaram, vieram visualizar, de perto, a realidade, o crescimento do Estado do Piauí.

Quando iniciou o curso de Enfermagem em Teresina, uma equipe foi em Belo Horizonte buscar profissionais na UFMG. A Dra. Isautina Goulart de Azevedo²⁴ enfatizou que eles não precisariam de profissionais de Minas, pois eles tinham uma enfermeira piauiense muito competente que estava trabalhando com eles. Então, eu recebi o convite. A UFMG

²² Aldi Lima de Sousa. Depoimento concedido em agosto de 2008.

²³ Carlota Lina Cardoso Melo. Depoimento concedido em maio de 2008.

²⁴ Isautina Goulart de Azevedo. Diretora da Escola de Enfermagem da UFMG na época da formatura da enfermeira piauiense Carlota Lina.

realizou o mesmo convite para que eu permanecesse. Mas são os desígnios de DEUS, houve o falecimento do meu irmão e eu tive que retornar às pressas para Teresina. Tive que tomar uma decisão. Encontramos uma carta de 31 de outubro de 1972 que eu nunca tinha recebido até então, que citava e enfatizava o seguinte:²⁵

Querida Carlota,

...Como no início de 1973, a Escola de Enfermagem da UFPI vai funcionar com vinte vagas, naturalmente que precisará de professores... E você, como piauiense que é, precisa participar do surto de desenvolvimento por que passamos, dando a sua parcela de contribuição e tentando lutar pela integração de nossa gente (...) nós precisamos de nos juntarmos na luta que hoje se empreende no Estado do Piauí...²⁶

Antônio²⁷

A professora Carlota Lina foi uma das mais importantes professoras da UFPI. Em sua homenagem, o auditório do Departamento de Enfermagem recebeu o seu nome, pela sua exímia dedicação ao curso de Enfermagem, desde a sua instituição em 1973.

Figura 2: Enfermeira Carlota Lina recebendo o seu diploma de Enfermagem em Belo Horizonte, em Minas Gerais, na década de 1960.



Fonte: Acervo da Enfermeira Carlota Lina.

²⁵ Depoimento de Carlota Lina de Sousa. Tal carta fora encontrada nos pertences da mãe da professora Carlota, a qual teve a oportunidade de ler o documento apenas posteriormente ao falecimento do irmão.

²⁶ Trecho da carta do irmão da professora Carlota Lina Cardoso Melo, datada de outubro de 1972.

²⁷ Antônio Francisco Vieira Cardoso. Faleceu em acidente automobilístico, deixando três filhas, uma delas com apenas vinte dias de nascida. Por esse motivo, a professora retornou de Minas Gerais e permaneceu no Estado do Piauí.

A enfermeira e professora Carlota Lina é, no Estado do Piauí, um grande exemplo de dedicação e dinamismo. Participou ativamente da luta percorrida pela primeira turma de Enfermagem da UFPI por ocasião da necessidade da organização de grade curricular para a continuidade e estruturação do curso de Enfermagem.

Engajou-se em vários projetos na área de saúde pública e organizou setores hospitalares tanto para estágios na área da medicina como na área de enfermagem. Mesmo antes da inserção do curso de Enfermagem na UFPI, já atuava como professora vinculada ao Departamento de Medicina. Homenageada por várias turmas de Enfermagem, pela sua coragem, luta e determinação pela profissão, tornou-se para a história do ensino de enfermagem no Piauí um grande exponencial.

4 Considerações finais

Os questionamentos, as críticas, as interpretações aos quais se dedica um historiador se parecem com o aperfeiçoamento em arte de pinturas de um artista. As luzes, os tons, as sombras colaboram para as interpretações, os diferentes olhares sobre a forma e as cores, em um entrelace contínuo na formação de eventos, pinturas e telas corroboram os detalhes minuciosos a serem traçados na escrita da história e na arte. Apesar do árduo, mas iluminado prazer da espera, os escritos são aguardados, assim como as telas, por todos aqueles que, verdadeiramente, têm a acrescentar com os seus dons e tons à história da humanidade. Catani (2002) afirma que “raras são as obras memorialísticas que inter-relacionam o desenvolvimento histórico, social e as relações de gênero”. A emoção, as lembranças, as vozes de dentro, o conteúdo, a interpretação solidificam as histórias, e tais memórias passam a construir os aspectos vivenciados. Essa análise posterior pode implicar a redescoberta de detalhes esquecidos, não visualizados e que devem participar do presente, por meio do passado reverenciado.

O que fomos o que somos e o que nos tornamos constituem um voo ao que pertencemos. Rumo às construções humanas de uma eternidade que não sabemos se existirá, por tudo, precisamos descobrir a história responsável por nós.

REFERÊNCIAS

ALFARO-LEFEVRE, R. **A aplicação do processo de enfermagem: promoção do cuidado colaborativo.** São Paulo: Artmed, 2005.

AZEVEDO, F. **A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Escrituras, 1996.

BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BURKE, P. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Ed. Da Unesp, 2000.

CATANI, D. B. et al. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação.** São Paulo: Escrituras, 2000.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CORTEZ, M. C. **A escola e a memória.** Bragança Paulista: Edusf, 2000.

FONTINELE, K. **Ética e bioética em enfermagem.** 2. ed. Goiânia: AB, 2002.

GEOVANNINI, T. **História da enfermagem: versões e interpretações.** 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, J. **História e memória.** 5. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.

LIMA, M. J. **O que é enfermagem?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MIRANDA, Maria dos Aflitos. Enfermeira. Depoimento concedido à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva para a dissertação do mestrado em Educação. jun. 2008.

MELO. Carlota Lina Cardoso. Enfermeira. Depoimento concedido à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva para a dissertação do Mestrado em Educação. jun. 2008.

MENDES, A. M. **A imagem da mulher na obra de Amélia Beviláqua**. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

NIGHTINGALE, F. **Notas sobre enfermagem: o que é e o que não é**. São Paulo: Cortez, 1989.

NOGUEIRA, Lidya Tolstenko. Doutora em Enfermagem. Depoimento concedido à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva. jun. de 2008.

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Rio de Janeiro: Porto, 1992.

OGUISSO, T. **Trajétória histórica e legal da enfermagem**. Barueri, SP: Manole, 2005.

PAIXÃO, W. **História da enfermagem**. 5. ed. Rio de Janeiro: Júlio C. Reis Livraria, 1979.

ROMANELLI, O de O. **História da educação no Brasil**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

SOARES, C. **Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SOUSA, Aldi Lima. Doutora em Enfermagem. Depoimento concedido à pesquisadora Anneth Cardoso Basílio da Silva para a dissertação do Mestrado em educação. maio 2008.

VASCONCELOS, A. G.; MAGALHÃES JÚNIOR, G. (Org.). **Memórias no plural**. Fortaleza, CE: LCR, 2001.

WALDOW, V. R. **O cuidado na saúde: as relações entre o eu, o outro e o cosmos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.